

# Em debate, a literatura regional

ERNANI SILVA BRUNO

Bem andou a União Brasileira de Escritores ao eleger como um dos temas centrais de seus Ciclos de Literatura Brasileira, sob o patrocínio da Secretaria da Cultura do Estado — e sob a coordenação geral de Rossine Camargo Guarnieri — a Literatura Regional, focalizada em uma série de palestras que estão sendo realizadas por todo este mês de agosto.

Há uma velha controvérsia em torno do que seja o regionalismo literário, que por muito tempo se entendeu como sinônimo de sertanejismo ou como aquele tipo de literatura em que o autor procura retratar os aspectos pitorescos, típicos ou característicos de uma região, incluindo a fala de seus moradores. E de que Lúcia Miguel Pereira considerou pioneiros, no Brasil, o mineiro Afonso Arinos, o paulista Valdomiro Silveira e o cearense Manuel de Oliveira Paiva. Aos quais se poderia acrescentar, sem qualquer dúvida, Inglês de Sousa que notadamente em "O Gado do Valha-me-Deus", de seus quase desconhecidos "Contos Amazônicos", utilizou uma linguagem (e não apenas nos diálogos, na boca dos personagens) inspirada a fundo na fala popular do extremo-norte do País.

Mesmo assim entendido, o regionalismo é uma posição válida e responsável por alguns dos melhores livros brasileiros. Em sentido mais amplo, no entanto, poderia dizer-se que a literatura regional, no Brasil, abrange não apenas a produção dos chamados autores regionalistas, mas quase que a totalidade dos escritores de ficção. "O romance brasileiro, em todas as suas fases e mesmo por efeito de suas deficiências — escreveu Prudente de Moraes neto — dirigiu quase sempre o seu melhor esforço para o mundo objetivo, relegando a segundo plano o moral" e dificilmente se abalançando a obras de pura imaginação.

De fato, raros são os romancistas ou contistas brasileiros indiferentes ao espaço e ao tempo, voltados para a ficção do tipo Literatura da Natureza, do Homem, do Amor, da Tragédia, assim com maiúsculas, soberanamente desligada de contingên-



Ilustração de Valpeteris para um conto do paulista Valdomiro Silveira.

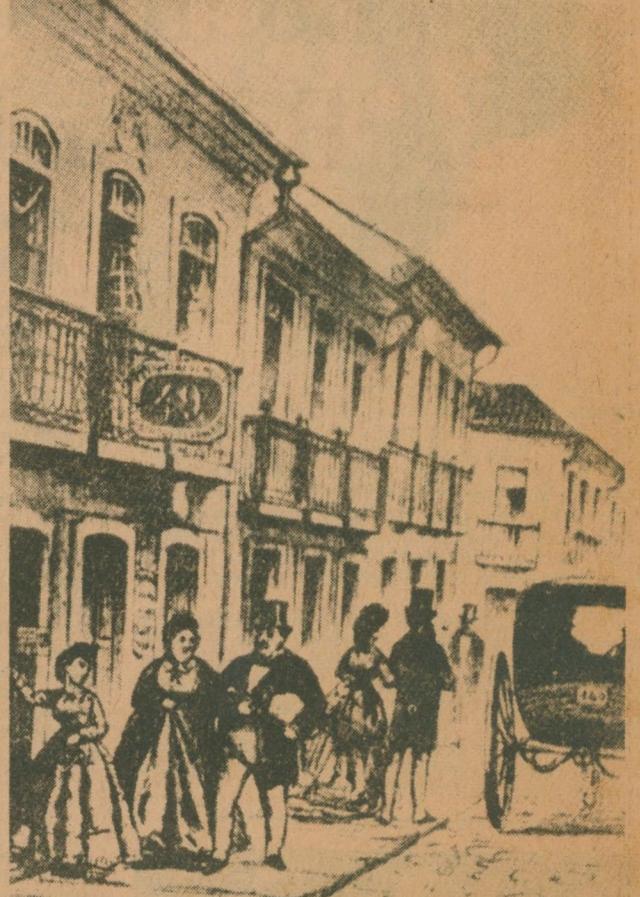
cias de lugares e de épocas. Posição, essa última que, de resto, seria também válida. Mas que, entre nós, revela quase sempre um aspecto suspeito de produto de importação. Porque, nela, quando o Homem dedilha algum instrumento musical, nunca é violão, é de harpa para cima. Quando a Mulher carrega alguma coisa no ombro, jamais é um pote corriqueiro, mas uma ânfora. O Pássaro dessa literatura não pode ser o desclassificado sabiá ou o exótico uirapuru, mas o indefectível rouxinol. E a Arvore, nunca um jequitibá, mas no mínimo um cedro ou uma oliveira que são, como se sabe, vegetais clássicos... Fica-se com vontade de perguntar por que é que o Homem e a Mulher dessa literatura que pretende ser intemporal e universal, semeada de orgulhosas maiúsculas, não podem dedilhar um violão, carregar um pote, ouvir canto de sabiá, se encostar em um jequitibá ou rezar em língua de caboclo.

Mas, regionalista ou não regionalista, toda a nossa melhor literatura de ficção partiu sempre da ambiên-

cia regional. Desde suas origens no século passado. Da Amazônia, as obras de Inglês de Sousa e José Veríssimo. Do Nordeste, as de Oliveira Paiva e Franklin Távora. De Minas e do centro-oeste, os livros de Bernardo Guimarães, Taunay e Afonso Arinos. De São Paulo, a prosa de Valdomiro Silveira. Do Rio Grande do Sul, a de Apolinário Porto Alegre e Oliveira Belo.

Deve-se ainda lembrar das pequenas regiões que são as cidades. O caso de São Luís do Maranhão, admiravelmente retratada em "O Mulato", de Aluisio Azevedo. Ali estão seus sobrados forrados de azulejo, o largo em que explodiam as coloridas festas tradicionais, o cais do porto onde nasciam as ladeiras, "caminhos de subir", sombreados de grandes árvores — e o viver pachorrento, mergulhado em toda a sorte de terríveis preconceitos da raça e de classe.

E o caso, principalmente, do Rio de Janeiro, tal como se reflete nas obras literárias de Macedo, de Alencar, do mesmo Aluisio



A rua do Ouvidor no tempo dos romances de Alencar e Machado.

Azevedo e até de Machado de Assis, a despeito de sua condição de analista de almas, aparentemente pouco preocupado com ruas e casas, modas e costumes. Seus personagens, de classe abastada ou de classe média, vivem na rua do Ouvidor, nas mansões de Botafogo, no morro de Santa Teresa, no caminho de Matacavalos. Assistem a missas na Candelária e conversam no Passeio Público, à sombra das amendoeiras. E a partir de Aluisio, também o povão, pois em "O Cortiço" sente-se, em embrião, tudo aquilo que caracterizaria depois a cultura popular carioca, expressa no morro, no samba, no carnaval.

A mesma inspiração regional ocorreria no século atual. Nas obras de ficção dos pré-modernistas e dos modernistas, as marcas regionais estiveram bem vivas. Mais tarde — ao longo dos anos 30 — chegou a se definir o chamado "romance nordestino", a despeito da disparidade de propostas e de mensagens de seus autores mais destacados.

A atual literatura bra-

sileira de ficção não foge à regra e também revela condicionamentos regionais. Inclusive quando elaborada em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo. Porque "forças e influências remotas" se fundem com o local — mesmo nas grandes cidades cuja existência pulsa segundo o ritmo dos dramas sociais e humanos de dimensões universais.

O curso promovido pela União Brasileira de Escritores — que pelo número de inscrições que recebeu denota um insuspeitado interesse pelo tema — além de realizar um balanço crítico do que de melhor se produziu e se produz hoje em termos de ficção nacional, poderá também revelar valores quase desconhecidos para o público interessado em literatura, pois não se ignora que às vezes obras literárias do maior interesse permanecem confinadas às fronteiras regionais, não chegando às "caixas de repercussão" representadas pela crítica dos grandes centros como o Rio de Janeiro e São Paulo.

Bem andou a União Brasileira de Escritores.